



Cidade sensível, cidade de areia, Cidade Nova

Felipe Nóbrega Ferreira^{*}
Ticiano Duarte Pedroso^{**}

Resumo: As cidades e as sensibilidades se coadunaram junto à História Cultural – essa consolidada enquanto abordagem no campo da História no decorrer dos anos 1990 - a partir de obras que se preocupavam em aproximar o universo do sensível ao pulsar urbano. A partir desse reposicionamento, seja do entendimento das cidades enquanto objeto, ou da abertura do entendimento das sensibilidades, apresentamos um diálogo em que o objetivo é adentrar as camadas sensíveis presentes na constituição de um espaço urbano que passa por transformações contundentes: de território limítrofe de uma cidade, tomado por areias, a bairro ocupado por sujeitos alijados do perímetro considerado, até então, central. Trata-se esse lugar do “Cidade Nova”, bairro localizado na cidade do Rio Grande/RS, no qual, através da memória de quatro narradores, visamos encontrar a projeção de sensibilidades na constituição de uma grafia e pulsar urbano específico para esse local no contexto de seus primeiros anos, salientando que essa especificidade se faz pelo fato de ser esse o primeiro bairro suburbano e eminentemente operário da cidade. Nossa temporalidade inicia em meados dos anos 1940, quando da consolidação da ocupação do bairro, e finda na contínua e atual reconstituição das reminiscências. Fazendo uso da história oral enquanto metodologia, bem como do aporte teórico de autores que operam no âmbito da tríade cidade/sensibilidade/memória, construímos um mosaico de vivências, as quais possuem elementos recorrentes, como a infância, a chegada à vida adulta e, sobretudo, ao mundo do trabalho no desenho de uma grafia do bairro que permanece presente nas lembranças desses sujeitos. Por fim, se o ato dessa investigação não decifra por completo essa Cidade Nova, que fascina, ao menos dotamos de um pouco mais de subjetividade as linhas que compõe a escrita de suas histórias.

Palavras-chaves: Sensibilidades, Cidade Nova, História Oral

* Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: ffnobrega@yahoo.com.br.

** Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Contato: ticiano.pedroso@hotmail.com.



Abstract: Cities and sensibilities teamed up with Cultural History - consolidated like approach in the field of history during the 1990s - from works that bothered to bring the world of sensitive urban pulsating. From this repositioning, both the understanding of cities as an object, such as the opening of the understanding of the sensitivities, we present a dialogue in which the goal is to step into the layers susceptible in the constitution of an urban space that undergoes contusing transformations: the neighboring territory of a city, taken by sands, the district occupied by subjects jettisoned the perimeter considered until then central. This place is "Cidade Nova", neighborhood located in the city of Rio Grande/RS, in which, through the memory of four narrators, we aim to find the projection of sensitivities in the constitution of a spelling and pulse urban specific to that location in context of his early years, emphasizing that this specificity is made because this is the first suburban neighborhood and eminently city workers. Our temporality begins in the mid 1940s, when occurs the consolidation of the occupation of the neighborhood, and ends in the continuous replenishment of reminiscences. Using oral history as a methodology, as well as the theoretical basis of authors who move within the triad: city / sensitivity / memory, we build a mosaic of experiences, which have recurring elements, such as childhood, adulthood, and especially the world of work in the design of a spelling of this neighborhood that remains in the memories of those subjects. Finally, if the act of this investigation does not completely decipher this "Cidade Nova", which fascinates, at least endow a bit more subjective lines that make up the writing of his stories.

Keywords: Sensitivities, Cidade Nova, Rio Grande, Oral History

O título de nosso artigo remete ao texto de Sandra JatahyPesavento, *Cidades invisíveis, cidades sensíveis e cidades imaginárias* (2007), que em certo momento aponta: “as cidades fascina”. Podem ser as cidades percorridas pelo *flâneur* parisiense, as metafóricas de Calvino ou a de João do Rio, todas, igualmente, fascina e se abrem ao olhar esteta do historiador.

No Brasil, a cidade enquanto problema, um tema para reflexões e objeto de estudo, tem na obra de Pesavento uma referência. Tal autora apresentou um esforço contínuo de trazer à baila o tema das sensibilidades, propondo o encontro de um universo do sensível no interior da urbe – justamente sendo esse o norte para a trama que visamos tecer ao longo do nosso texto.



No presente trabalho, então, apresentamos a cidade de Rio Grande (RS), mais especificamente a constituição sensível de um de seus bairros, o Cidade Nova. Ocupada de forma tímida ainda na primeira metade do século XIX, a urbe rio-grandina passa a ser, em fins dos oitocentos e, fundamentalmente, nos primeiros anos do século seguinte, alvo de inúmeros projetos urbanos da municipalidade – o século XX e o espírito republicano, reformador/higienizador, trariam uma nova dinâmica no pensar a cidade.

É nesse período, de grandes modificações nos planos urbanos da maioria das cidades do Brasil, que Rio Grande irá vivenciar o surgimento do seu primeiro bairro, localizado nos arrabaldes da urbe. O Cidade Nova surge propriamente como uma extensão da malha urbana, constituindo-se como um subúrbio operário, onde foram alocadas algumas das principais indústrias da cidade e sua mão de obra, o operariado

Em nosso estudo, propomos acessar o universo do sensível da constituição desse bairro através de quatro personagens que projetam ação à trama urbana entre as décadas de 1940 e 1950 - período que representa a infância e o início da vida adulta desses sujeitos que viviam no bairro quando da consolidação de sua ocupação. Além disso, nos interessamos, notadamente, pelas sensibilidades que se encontram à margem de cada narrativa, a forma como a grafia desse bairro está inscrita no interior desses atores sociais.

O Cidade Nova que surge nesse texto apresenta os marcos do processo de ocupação, porém, também propõe uma temporalidade baseada nos afetos que se desdobram a partir das memórias. E nessa análise, então, remontamos a uma percepção das sensibilidades enquanto correspondente de um núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo, no qual:

o conhecimento sensível opera como uma forma de apreensão do mundo que brota não do racional ou das elucubrações mentais elaboradas, mas dos sentidos, que vem do íntimo de cada indivíduo. Às sensibilidades compete essa espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com sensações, com emocional, com a subjetividade. (PESAVENTO, 2008, p. 56)

Dessa passagem retemos o seu entendimento daquilo que venha ser o trabalho do historiador interessado nas sensibilidades, uma abordagem que está situada no interior da História Cultural e que pode ser entendida enquanto um “giro teórico”. O nome de Sandra JatahyPesavento surge, no Brasil, como destaque naquilo que tange à introdução e sistematização do tema das sensibilidades na História. Mesmo apresentando algumas formulações em trabalhos anteriores, consideramos o texto *Sensibilidades no tempo, tempo*



das sensibilidades (2005) como essencial para uma primeira organização e compreensão teórica dessa proposta, e na derradeira obra *Os Sete Pecados da Capital* (2007), realiza um exercício empírico de fôlego e carpintaria incontestável em sua trajetória, e por consequência da História Cultural no Brasil.

Pesavento apresenta uma leitura em que “as sensibilidades são uma forma de ser no mundo e estar no mundo, indo da percepção individual à sensibilidade partilhada” (PESAVENTO, 2005¹). Pensando assim, as sensibilidades atuam em linhas como as emocionais, valorativas, e os sentimentos que exprimem formas de estar no mundo, da mesma forma que se encontram no âmago da construção dos imaginários sociais.

Essencial apontamento, ainda nesse texto, diz respeito a uma renovada concepção de temporalidade que deve ser compreendida pelo historiador, já que “captar as razões e sentimentos de uma temporalidade já escoada é ter em mente a alteridade do passado, com sua diferença de códigos e valores” (PESAVENTO, 2005). Nesse sentido, o historiador lida com um tempo já escoado, no qual percebe uma estranheiridade frente aquilo que investiga.

Em nosso trabalho, operamos com a oralidade, a qual se constitui como uma das formas de acessar as sensibilidades. A palavra falada reconstitui a experiência de um vivido, e, assim, os relatos provocam aquele deslocamento temporal em que o passado se reconfigura no presente e as sensibilidades de outrora podem ser apreendidas pelo historiador que ouve essa “tradução”.

Com essa perspectiva, adotamos a metodologia da história oral, campo que ao longo da segunda metade do século XX consolidou uma trajetória capaz de dar sentido, na prática, à sintomática citação de um dos autores mais reconhecidos nessa área, E.P Thompson (1998, p. 44):

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu corpo de ação. Admite heróis vindos não só entre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade.

É impossível deixar de compartilhar a premissa desse autor em *A voz do Passado: a História Oral* (1998), a qual acredita que a oralidade dá acesso a uma história que se constitui em torno de pessoas.

¹ O texto está disponível *online* sem a marcação de páginas específicas.



Em nosso caso, a metodologia obedece a especificidades, não só na sua feitura, como na maneira, posterior, de abordar o que surge do relato, e assim nos filiamos aAlessandro Portelli. Esse concebe a subjetividade sempre presente na narração dos acontecimentos e os significados que eles tomam, pois os entrevistados ao mesmo tempo em que elencam eventos apresentam o significado dos mesmos; em suas palavras: “não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acredita estar fazendo, e o que agora pensa que fez” (PORTELLI, 1997, p. 31).

Com isso em mente, apresentamos quatro narradores, Honorina, Hermelinda, Jurandir e Neli. Primeiro, todos estão inseridos naquele critério apresentado logo no início do texto, a vivência no bairro da infância ao início do que consideraremos sua vida adulta, a entrada no mundo do trabalho assalariado.

Dessa forma, passamos inicialmente a um bloco de contato com eles, o qual consistiu em encontros prévios, que possuíam um caráter de sondagem, de mostra de arquivos familiares, de construção de tópicos para a apreensão da narrativa quando do uso do gravador. Nisso, podemos dizer que acontecia um processo de ambientação, no interior da residência de cada um deles, gerando uma relação de confiança de ambas as partes.

Estabelecida essa relação, o segundo momento consistiu na gravação das narrativas, as quais possuíam como ponto de partida as conversas e apontamentos já apresentados naquele processo de ambientação. O mote girava na via que se constituía junto à grafia de bairro de cada um, o que não impossibilitava “desvios de rota”, o que colabora no sentido de denotar aquela “descontinuidade” que permeia o sujeito, que não apreende tudo em uma linha cronológica, e que muitas vezes necessita avançar ou retroceder no tempo para dar sentido aos acontecimentos narrados.

Ainda, o terceiro momento constituiu-se naquele mais pormenorizado, a transcrição. Porém, optamos por um exercício distinto, no qual primeiro ouvíamos a narrativa na íntegra, tentando restabelecer aquele momento de colaboração entre ambas as partes, o que é uma tentativa de recuperar elementos da própria subjetividade. Somente após esse exercício é que partíamos para a transcrição literal de cada uma das falas.

Cabe, agora, partir para o texto em si. Este está organizado da forma seguinte: primeiro apresenta o bairro Cidade Nova; em um segundo momento, traz à tona Honorina, Hermelinda, Jurandir e Neli, culminando com um encaminhamento para a articulação do campo das sensibilidades nesse universo oral, que perpassa diretamente o tema da memória e da trajetória de vida.



A trama onde se tece: cidade de areia

A partir dos anos 1850, a cidade de Rio Grande reorganiza a sua estrutura urbana. O comércio atacadista de exportação e importação havia formado uma burguesia local cidadina, cujo estilo de vida remetia aos costumes e hábitos europeus. A cidade era protegida por uma muralha de madeira e barro. Essa barreira, conhecida como trincheiras, foi erguida à época da Revolução Farroupilha e desempenhava a função de proteger, assim como delimitar os limites urbanos da cidade. Nela encontravam-se dois portões que se abriam para caminhos diferentes, um conduzindo ao litoral (Estrada da Mangueira) e outro ao interior do município e cidades vizinhas (Estrada dos Moinhos) (CARDOSO, 2011, p. 8).

O primeiro sinal de ocupação, além da linha das trincheiras, havia sido dado em 1855, quando por questões higiênicas o cemitério da cidade foi retirado do centro e transferido para uma área não muito distante. Em 1878, a Companhia Hidráulica Rio-Grandense, empresa criada para fornecer o abastecimento de água à cidade, erguia sua imponente caixa d'água, com capacidade para 1.500.000 litros d'água, numa área que estava a três quilômetros de distância do centro da cidade (PEDROSO, 2008, p. 27).

O relatório da Intendência Municipal de Rio Grande, do ano de 1880, nos fornece um panorama de como os antigos terrenos localizados fora dos limites da cidade vieram a ser incorporados:

Depois de ter esta Câmara mandado levantar uma planta dos terrenos devolutos situados além das trincheiras, entre as suas margens oriental e ocidental, que bordam a península em que está situada esta cidade até uma légua de extensão, e já concedidas a ela em 28 de Agosto de 1834 pelo Conselho Administrativo da Província, resolveu em Fevereiro de 1878 pedir ao Governo Imperial lhe fossem cedidos para seu patrimônio aqueles terrenos, dos quais fez acompanhar da referida planta, já determinando nela as quadras e as ruas em continuação desta cidade, além da estrada que vai ao interior do município, *boulevards* no centro até a Hydraulica, e na direção de uma praia à outra. (INTENDÊNCIA MUNICIPAL, 1880, p. 16)

Dentro desse projeto era necessário não só criar um novo espaço, mas dedicar a ele cuidados específicos, para que o mesmo se tornasse atrativo aos olhos de uma ávida burguesia urbana que neste período começava a erguer as suas primeiras indústrias na cidade.



Imagem 1: Planta da Cidade de Rio Grande 1871. As linhas pontilhadas representam o Cidade Nova ainda em projeto. FONTE: Biblioteca Rio-Grandense.

Este novo espaço, denominado Cidade Nova, como pode ser percebido na planta da cidade de 1871, nascia em seu projeto com quadras grandes, ruas largas em continuidade com o centro e um grande ambiente destinado ao lazer, uma praça (PEDROSO, 2012, p. 75).

Nos primeiros anos, a forma como se desenvolveria a ocupação do Cidade Nova esteve envolta em muitas especulações, referentes ao desenho e enquadramento definitivo de suas ruas, ao aforamento e rendimento destes terrenos, e ao possível desenvolvimento da região. Entretanto, o efetivo êxito deste projeto de expansão urbana estava diretamente ligado e dependente da instalação de duas grandes estruturas: Estação Ferroviária e a nova Fábrica da Rheingantz. Com essa perspectiva, podemos dizer que o Cidade Nova é a primeira experiência de crescimento urbano ordenado na cidade de Rio Grande. A partir dele, a cidade ganharia outras formas, novos espaços e dinâmicas sociais, pois ele insere um novo modelo de ocupação, o loteamento suburbano (PEDROSO, 2012, p. 79).

Cabe aqui, também, o registro de outro elemento fundamental para o desenvolvimento desta região, a implantação das linhas de bonde da Companhia Carris Urbanos do Rio Grande, o qual tinha em seus itinerários a passagem por algumas ruas do bairro.



De princípio, o projeto de ocupação da nova área não se consolidou como haviam concebido, pois o mesmo não chamou a atenção do público destinado – a classe mais abastada da urbe². O fraco interesse da elite rio-grandina pela área, atrelado à necessidade de gerar moradia para uma grande massa operária que começava a se formar na região, fez com que as autoridades municipais tomassem novas medidas. No ano de 1885, começou a tramitar na Câmara Municipal o plano que mais tarde resultaria na forma mais eficaz de desenvolvimento do bairro, a isenção das décimas urbanas.

De acordo com Beatriz Loner, a população de Rio Grande em 1888 correspondia a 20.277 habitantes, sendo que 900 estavam concentrados na Cidade Nova (LONER, 2001, p. 59-60) – local em que o Relatório da Câmara Municipal da Cidade do Rio Grande (1889, p. 6) aponta como habitado por mais de 400 operários, somente das fábricas de tecidos das cercanias.

Esses mesmos relatórios da Câmara Municipal e Intendência demonstram que muitos foreiros não manifestavam interesse pela propriedade e a Cidade Nova passava a ser um espaço indesejado. Ao invés de uma população abastada ocupar os terrenos, eles passaram a ser habitados pelo operariado de fábricas do entorno da região, que moravam em casas desprovidas de meios sanitários básicos, pagando aluguel por residências de cômodos apertados e com risco constante de contaminação por diversas doenças.

Como já apontado por Benito BissoSchmidt, “Rio Grande foi uma das primeiras cidades gaúchas a apresentar marcas da sociedade urbano-industrial” e, “concomitantemente à industrialização, ocorreu a formação de um proletariado urbano” (SCHIMIDT, 1999, p. 149). Dessa forma, entendemos que junto à criação do Cidade Nova era estabelecido o subúrbio operário de Rio Grande, nele sendo fixado tudo o que a cidade não poderia comportar: grandes indústrias, curtumes, matadouros, despejo do lixo e trabalhadores de baixa renda, operários.

Tal característica apresentada acima reverbera com um apontamento de Sandra Pesavento em seu livro *Os pobres da cidade* (1998), quando diz que proletários, subalternos, tem em comum o fato de serem habitantes da urbe, mas ao mesmo tempo são “invisibilizados” por um processo de marginalização, orquestrado pelo poder público, dentro da própria grafia urbana. Segundo a autora, “a emergência do mundo urbano, dimensão social

² A ideia inicial dos administradores municipais era que este novo espaço fosse dedicado à moradia das famílias mais abastadas da cidade, criando assim um espaço ruralizado dentro do urbano, nos moldes dos primeiros subúrbios cariocas. Vide Leonardo Soares Santos (2011).



onde melhor se configura a realização do capitalismo, implica um duplo processo de integração e confinamento dos subalternos” (PESAVENTO, 1998, p. 11).

Ao longo da primeira metade do novo século, modificações urbanas passarão a ser sentidas por um conjunto de elementos como: um novo fluxo de moradores quando das obras de melhoria da Barra do Rio Grande e a construção do Porto Novo, e a alteração das atividades industriais. A partir da década de 1930, as empresas³ ligadas à alimentação e ao setor pesqueiro dão a tônica para construções e chegadas de novos moradores ao bairro (MARTINS, 2006, p. 169).

Solismar Fraga Martins evidencia uma desaceleração da produtividade industrial no fim da década de 1950, sendo que o único setor que sobreviveria à crise seria o pesqueiro, chegando mesmo a absorver parte dos desempregados de outros ramos – cerca de 7.000 funcionários perderam seus empregos (MARTINS, 2006, p. 178).

Um bairro em movimento, mas nem por isso um bairro que atraía atenções dos historiadores. Se poucas linhas foram escritas sobre o próprio planejamento da localidade, nulos são os trabalhos que se debruçaram sobre o universo sensível das memórias que povoam a constituição sensível da Cidade Nova.

Do bairro que se sente: Cidade Nova ou Hermelinda, Honorina, Jurandir e Neli

Dona Hermelinda, que desde o primeiro ano de vida é moradora do bairro, do alto dos seus 80 anos não conheceu outra casa que não aquela em que ainda hoje reside. Seu pai “vendia carvão na carroça. Uns saquinhos de carvão. A gente fazia os saquinhos, cortava, colava, fazia o fundo, fechadinho, ali ia o carvão” e sua mãe “cuidava dos trabalhos domésticos” (HERMELINDA, 80 anos).

Morava em uma casa “de bomba e madeira”, o termo bomba referindo-se à forma como era obtida a água. A paisagem debelada pelos cômodos de areia tinha o som da rotina suburbana, bruscamente rompido pelo barulho das tropas de boi cortando as ruas de areia do bairro. Tal paisagem marcaria profundamente a vida dessa senhora, que conheceu o seu marido através de uma paquera de janela. “Ele era tropeiro, então quando agente começou a

³ Dentre essas empresas podemos citar, baseados em Martins (2006, p. 165): Indústrias Leal Santos S.A (Alimentos); S.A Moinhos Riograndense (Alimentos); Companhia de Conservas Rio Grande (Alimentos); Eduardo Ballester Pescados (Pesca Industrial); Pescal S/A (Pesca industrial); Furtado S/A (Pesca Industrial) e Frigorífico Anselmi (Pesca industrial, carne e derivados).



namorar, eu sabia que meia noite ele ia passar e eu ia pra janela, mas a janela com os vidros fechados” (HERMELINDA, 80 anos).

Nesse bairro que servia de atalho para a tropa de bois em direção ao Frigorífico Swift, D. Hermelinda, ainda falando sobre as casas, recorda que “algumas eram perto uma da outra, outras eram mais longes, era muito areia, e tinha sempre uns campos que separava” (HERMELINDA, 80 anos). Nas vivências atravessadas pelo tempo, entre aquele bairro do passado e o bairro que hoje deixou de ter areia para ganhar a coloração cinza da pavimentação, a escolha por um presente menos dolorido sobressalta:

o melhor é agora de momento, porque eu passei muito trabalho na minha vida, e agora fiquei viúva, faz três anos, agora eu tenho mais liberdade graças a deus, tenho mais descanso na minha vida, passei muito trabalho indo trabalhar fora. Por isso que eu digo, agora tá melhor do que nunca na minha vida! (HERMELINDA, 80 anos)

Nessa vida que levou de “trabalho fora”, nas indústrias do bairro, somam-se os cuidados destinados durante muitos anos ao marido doente. Nesse momento, a voz de D. Hermelina se amiúda, mas ao reposicionar um passado doloroso em relação ao presente vivido, ela cria um arranjo que sobressalta a voz e revitaliza a experiência do hoje: “agora tá melhor do que nunca na minha vida!” (HERMELINDA, 80 anos).

Desse passado ela não conta alegrias, não sorri, nem mesmo quando rememora sua infância, que só ganhou explicação associada ao trabalho de embalar sacos de carvão para seu pai vender. O trabalho fora de casa começou aos 13 anos, sob o olhar de um “alemão carrasco” na Fábrica Rheingantz, e dali teve início uma trajetória ligada às jornadas diárias de laboro:

Eu trabalhei na fiação, nessas máquinas que iam pra frente e voltava, fazia a massaroca pra depois ir pros tear, e nós fazia massaroca pra ir pra lá. Depois entrei nessas fábricas aí né, era camarão, camarão é no chão, aí botava nas tábuas aí, de qualquer jeito... Trabalhava em horário, e quando era turno também trabalhava. (HERMELINDA, 80 anos)

D. Hermelinda conta a sua trajetória de labor nas indústrias do bairro apontando com os braços a direção das fábricas, como se ainda fosse possível visualizar e identificar as estruturas fabris encravadas no meio do bairro.

Mesmo em tempos de bondes, D. Hermelina caminhava até o trabalho, ou então usava uma velha bicicleta que existia em sua casa. Assim, a apreensão do Cidade Nova, o olhar que



se prende nos espaços percorridos, obedece a um “caminho do trabalho”, inscrevendo em si mesma um bairro que é marcado pela regularidade do horário e pela orientação de um trajeto. Como moradora do bairro desde 1931, suas memórias se ligam às areias de um tempo em que “não tinha nada”. Da fala que elabora um quadro da sua experiência de vida no bairro, uma sobressalta e parece esquadriñar condição permanente: “Tudo era com dificuldade, muita dificuldade” (HERMELINDA, 80 anos).

“Nascida e criada no bairro”, é essa a primeira frase de D. Honorina, nascida em 1930 e que nos dias de hoje ostenta indefectível vaidade, percebida em seus cabelos com coloração lilás e um batom que recém foi retocado para a entrevista. A vivacidade e alegria de sua figura atual rememoram um passado pobre, no qual a “mamãe trabalhava o dia inteiro, trabalhou toda vida de cozinheira, trabalhou em casas de família, e depois trabalhou no Salesiano [...] e o papai trabalhava de ambulante”. Com mais oito irmãos, “os maior cuidavam dos menor”, até o ponto em que cada um seguiu o curso de sua vida (HONORINA, 81 anos).

A vida de seu pai é parte de uma trajetória preenchida por heroísmos, narrada desde os tempos de militar, quando caçava o bando de Lampião e Maria Bonita no interior do Nordeste brasileiro, até a proteção das fronteiras, quando foi enviado para a cidade de Bagé (RS). Ela remonta esse trajeto até a chegada em Rio Grande em busca de “oportunidade nas indústrias”, entremeando a vivência no Cidade Nova desse tempo:

Militar, foi pra Bagé e namorou a mamãe; ele tinha 24 anos, e mamãe novinha[...] Se casaram, ficaram em Bagé, criando os filhos tudo em Bagé [...] Daí viemos pra cá, um bairro muito pobre, nós éramos bem pobre, a mãe trabalhava, deixava a comidinha adiantada pra nós termina. Era uma casa bem pobrezinha, bem humilde, nos fundo de outra casa, não tinha água, não tinha esgoto, não tinha nada, era uma meia-água de madeira, quatro peças. Depois [...] tu vê bem quantos anos, quando eu namorei meu marido, foi ele que botou água. Uma casa meia-água, uma sala, dois quartos e uma cozinha. A família era grande, a mãe saía de manhã pra trabalhar e as maiorzinha ia terminando os serviços. (HONORINA, 80 anos)

Uma das questões marcantes quando se trabalha com subúrbios é a presença do rural dentro de um espaço marcadamente urbano. As chácaras -elemento característico do Cidade Nova na época- existentes no bairro em formação começaram a ser descritas, mas as lembranças de seu pai tomam de assalto a sua própria narrativa mais uma vez:

Tinha chácaras, aqui tinha uma muito boa, muito grande, só que o dono mijava na rua, mijava na cacimba que ele aguava as plantas [...] Mas tinha, mas sobre o meu pai [...] o papai veio de Bagé, foi trabalhar na Swift, depois ele se desentendeu com um capataz, e deu de pá com o capataz, ele era



baixinho mas valente, mas em casa era um bom dono de casa. Depois foi pra delegacia, tomou algum carão naquele tempo, e mandaram que ele voltasse pro serviço, o outro voltou e ele não voltou mais [...] aí ele trabalhou de ambulante [...]. (HONORINA, 80 anos)

Esse homem, que não sabia ler nem escrever, mas que “sabia fazer conta de cabeças “assim”, tornou-se ambulante após esse desentendimento dentro de uma indústria, passando então a ganhar a vida perambulado pelo bairro, vendendo jornais, laranjas, ovos e o que mais fosse preciso.

D. Honorina organiza suas lembranças entremeadas ao seu pai; ele funciona como um vetor para explicar a sua própria relação com o bairro, em um fluxo de memória que não possui nenhuma preocupação com linearidades, pelo contrário, forja uma narrativa pessoal que transita em temporalidades da infância, do começo da vida adulta e da perspectiva já orientada pela ociosidade proporcionada pela velhice.

No bairro que desenha na memória, “tudo ia longe e tinha cômodos de areia”. Em suas palavras:

Mas era muito grande, tinha muitas casas ruins, bem pobre, melhorou muito, era bem pobre a cidade, não tinha nada de calçamento, sem esgoto. Na rua que eu morava, Tiradentes, eram quatro casas assim na frente, e tinha um terreno vazio, e nós morava nessas casas bem ruinzinha mesmo. E nós saía desse terreno [...] mas era outra coisa que eu ia te dizer, mas me esqueci [...] Onde eu morava era tudo junto, as casas tudo junto, mas não eram casas boas [...]. (HONORINA, 80 anos)

As condições precárias são evidenciadas nesse retrato do Cidade Nova, em parte descampado, a areia que parece existir em toda a parte que se olha, e as pequenas casas aglomeradas elaboram uma paisagem cotidiana aos praticantes desse bairro. O dia-dia dessas pessoas também possuía suas regulações, e na casa de D. Honorina é a busca de água que marca uma rotina específica, que ainda hoje se emaranha na sua memória:

O Jorge, meu irmão que morreu afogado, chegava do serviço de tarde, tomava café, trocava de roupas, remangava as calças e ia tocar água na bomba pra encher tina, sou do tempo da tina [...] esse barril de vinho, corta fica uma tina, duas coisas para lavar roupa e tomar banho, com aquele arco na volta, depois de usar pra vinho vendiam [...] A gente tomava uns banhozinho bom de tina que tu nem imagina. Meu deus do céu, quanta coisa a gente já passou [...]. (HONORINA, 80 anos)

A sua entrada no mundo do trabalho começa aos 15 anos, na Fábrica Rheingantz: “Aqui tudo era fábrica, algumas eu nem me lembro, não cheguei a conhecer, tinha Fábrica



Nova, tinha o charuto, e tinha a Swift, mamãe trabalhou na Swift, a Leal Santos, a Cunha Amaral e outras...” (HONORINA, 80 anos). Assim lembra esse período:

Trabalhava no tempo que teve uma guerra, quem pintava os cobertor pra guerra era eu. Panai do Brasil, era verde escuro, com aquele desenho na frente com uma asa de avião. Os chefes todos era alemão, mas tudo ruim, eram carrasco. Tinha o alemão que era chefe da fiação. Umas máquina que entravam e saíam, um arame que chega lá na ponta ela virava, era muito perigoso, aí fui trabalhar nos tapetes [...] feito a mão, um por um! Depois fechava o tear, batia com o martelo, depois virava o tear, fazia outra carreira, carreira por carreira [...] tinha 4500 operários. (HONORINA, 80 anos)

Na narrativa de sua jornada de trabalho, D. Honorina nos apresenta uma sensível descrição de seu cotidiano. Mesmo este se dando dentro do ambiente residencial, evidencia uma vida pontuada pelo tempo da fábrica, onde toda rotina fora dos portões da indústria é organizada em função dos horários de trabalho na Rheingantz:

Eu pegava às seis horas da manhã lá (fábrica), fazia o foguinho de carvão, assoprava o buraco do fogareiro, botava a chaleira no fogo, ascendia o fogo e ia correndo buscar o pão. Eu pegava às 6, eu tinha que sair de casa às cinco e meia. Aí então ia lá, pegava o pão, passava manteiguinha quando tinha, graças a deus sempre tinha, arrumava, botava o café numa garrafa, no tempo da gasosa, botava o café numa garrafinha, arrumava o pão e pernas pra que te quero. Atravessa o trilho do trem ali [...]. (HONORINA, 80 anos)

Mais de 60 anos depois, acessar essa rotina é ir ao encontro das sensibilidades que permeiam toda uma trajetória, seja no bairro, seja no trabalho. A vida que começa com o sonho de seu pai em dar condições aos seus filhos nessa cidade industrial contrasta com a dura realidade do bairro, que parece não ter muito espaço para a infância, projetando uma localidade em que as lembranças mais leves, ou divertidas, resultam de um senhor que urina no lugar onde puxa água para molhar as hortaliças.

Essa rotina matinal parece não pertencer somente a D. Honorina. O café da manhã, a busca do pão na padaria e a feitura da vianda para o horário do intervalo é o arranjo diário de vários moradores do Cidade Nova. E na vida que já ultrapassou mais de meio século, esse é um dos momentos lembrados com largo sorriso, em uma nostalgia que torna o banho de tina momento de puro divertimento ao compará-lo com as tecnologias atuais.

Nessa trajetória, a qual nunca faltou uma “manteiguinha”, suas memórias traçam um bairro marcado por atalhos até o trabalho, grandes descampados que encurtavam os caminhos e que hoje deixaram de existir, dando lugar às ruas alinhadas e asfaltadas. Os trilhos também sumiram para D. Honorina, agora as paradas de ônibus estão em todo o lugar, o “centro



velho” se tornou próximo, é “tudo a mesma coisa”, e assim o Cidade Nova que ela conheceu em décadas anteriores se tornou *um outro* desconhecido, que se transformou sem pedir licença àqueles que o habitavam.

Seu Jurandir aparenta uma idade bem inferior àquela que está registrada em seu documento, 73 anos. Funcionário aposentado da Prefeitura Municipal de Rio Grande, é pai de quatro filhas, avô de duas meninas e um menino. Sob a justificativa de “não querer parar no tempo”, Jurandir decidiu aprender a tocar violão nos últimos meses: “depois de muito tempo, criei coragem e entrei para uma escola de música” (JURANDIR, 73 anos).

Sempre bem informado, não abre mão da leitura de seu jornal diário, acompanha em primeira mão as notícias do seu time, o Grêmio, assim como está sempre a par dos acontecimentos políticos, esportivos e culturais da cidade. Jogando o jornal para o outro lado da mesa, seu Jurandir diz que está no Cidade Nova desde “1949, 1950, entre essas duas datas aí”, lembrando que uma de suas atividades favoritas nesse tempo era:

[...] jogar futebol, bola de meia, que não existia bola na época, era bola de meia, então tinha a Praça Saraiva, que era atração da gurizada, porque ali tinha combros, tinha arvoredos, tinha balanço, tinha tudo. Inclusive a gente tinha hora que não podia participar da Praça Saraiva, porque o exército fazia treinamento ali [...]. (JURANDIR, 73 anos)

Outra atividade de que Jurandir recorda com facilidade é o jogo de “nhaca” – bolinha de gude – descrevendo as regras, lembra os jogadores e o posicionamento dos gudes. Com a primavera chegava “a fase do vento”, vinha à brincadeira com as “pandolgas, que hoje chamam de pipa, então cada um tinha sua pandolga, botava uma gilete na corda pra cortar a outra, era de fase a fase, tinha as brincadeira de rua que nós faziam...” (JURANDIR, 73 anos).

Mas o tempo passa não só para Jurandir, mas para o bairro também:

E o nosso bairro foi crescendo, vieram os bondes [...] o nosso transporte passou a ser bonde, quando apontaram a linha do Matadouro criaram a linha Saraiva, vinha pela Teixeira Junior, vinha da Portugal, entrava na Bento Gonçalves, entrava Dom Pedro I, saía em sentido campo do Rio Grande e Rio-grandense. Fazia todo o circular. (JURANDIR, 73 anos)

Calculando esse circuito entre 1953 e 1954, seu Jurandir diz que na volta desse trajeto uma coisa se sobressaía: “combros, combros, combros”. Mesmo crescendo, permanece na memória o bairro de areia, as brincadeiras “defronte à casa do finado Bentivi” e as traquinagens entre um “combro” e outro, que só acabavam quando o sol estava para se pôr e



tinha que retornar para a “casa de madeira sem nenhum conforto, água mesmo, só de cacimba ou bomba” (JURANDIR, 73 anos).

Buscar água na cacimba com um “baldinho” era hábito, e de:

2 em 2 meses, ou de 4 em 4 aí esgotava a cacimba, entrava lá dentro, aí puxava a areia lá de dentro para renovar a areia, saía a areia branca e... ‘tá limpa a cacimba’ e os antigos na época atiravam uma pedra de enxofre que era pra conservar a água dentro. (JURANDIR, 73 anos)

E os conhecimentos de Jurandir sobre a forma de captação da água do bairro continuam permeando a sua narrativa:

E era uma água clarinha, limpinha, fresquinha [...] E vou te explicar porque a água era mais saudável, não usava cloro, não tinha nada disso. Tanto de cacimba como de bomba, a água era a mesma. Até as pessoas antigas, com mais tempo de vivência, diziam que a água de bomba era melhor porque a bomba tem um ralo né [...] com a pressão ela te puxava a água filtrada, sem areia... e a tia botava um guardanapo na talha para coar a água (da cacimba) as vezes vinha um bichinho e tal [...]. (JURANDIR, 73 anos)

Dessas recordações, sua conclusão é de que a água “era mais saudável porque era proibido ter fossa [...] chuveiro também não existia. Tomava banho era de barril ou tina. A gurizada enchia a tina pra tomar banho, ou bacião, bacião bem grande” (JURANDIR, 73 anos). E sobre as condições sanitárias, ou falta delas, no Cidade Nova, a figura do “cabungueiro” não poderia faltar - era esse o sujeito que recolhia os resíduos pessoais das patentes, atuais privadas ligada às fossas ou esgotos, e sobre os quais, ironicamente, seu Jurandir diz: “aqueles que carregavam a matéria prima”.

As transformações das ruas de areia estão presentes em Jurandir, pois esse processo também acarretava no fim daquele bairro em que as crianças (ele) poderiam jogar futebol, gude no meio da rua, quando muito atrapalhados por alguma ou outra carroça:

A usina pertencia à prefeitura, então o que acontecia, era tudo girado à carvão, então sobrava cinza, essa cinza eles jogavam na rua. Aterraram toda a Bento Gonçalves, onde tinha bonde eles botavam a cinza. A prefeitura começou a usar a cinza da fornalha [...] aproveitava nas ruas, sem meio-fio também, eles espalhavam na rua. A cinza era como se fosse um saibro. (JURANDIR, 73 anos)

A entrada no mundo do labor industrial se dá aos 16 anos, quando começa a trabalhar na empresa de alimentos e pescados Cunha Amaral, localizada no interior do Cidade Nova. Além desta, também trabalhou em outras empresas, inclusive o já citado Frigorífico Swift e, por fim, tornou-se funcionário da Prefeitura Municipal.



O Cidade Nova para ele é referência de infância, dos tempos bons das brincadeiras sadias no meio da rua, do transformar o ato de buscar água em uma aventura. Rapidamente tudo se transformaria em passado recente, a obediência aos horários das fábricas por onde passou foi assimilada já aos dezesseis anos, quando precisava tomar o primeiro bonde, o das cinco da manhã, para chegar a tempo no serviço.

Dos prazeres desfrutados entre uma folga e outra, será a inserção no futebol amador que embalará as memórias de seu Jurandir. Freqüentador do clássico cidadão “Rio-Rita” (São Paulo vs. Rio Grande), apanhava o trem lotado para ver “um futebol de primeira linha”. Seu Jurandir é capaz de listar os craques da época, conta com sorriso no rosto quando entrava clandestinamente nos estádios, passando por “debaixo do muro”, afinal de contas “era isso que a gente fazia, a gente brincava”. (JURANDIR, 73 anos)

E a oportunidade de ser um jogador de futebol não faltou na vida dele, que chegou a jogar nos aspirantes do Sport Clube São Paulo. Seu Jurandir não enumera gols na memória, mas sim curiosos fatos, como o caso no qual, mentindo aos colegas, diz que vai a Porto Alegre fazer um teste para o Sport Club Internacional. Em verdade, só havia o fato de ir até a capital do Estado, mas o motivo era outro, tratava-se de uma Semana Santa, e o destino da viagem era levar um carregamento de peixes. No seu retorno, o inusitado:

descarreguei uns peixes no mercado lá, peguemos uns caquis pra levar, enchemos uma caixa de caqui, dormimos lá pelo Guaíba dentro da caminhonete, aí jantemos por perto do Guaíba e viemos embora, retornemos. Quando eu chego em casa, eu tava pendurado no poste, botaram um Judas no poste com uma bola embaixo do braço (risos). (JURANDIR, 73 anos)

Jurandir chegou a jogar nos aspirantes do Sport Clube São Paulo, mas sua carreira dentro do futebol durou pouco, pois era preciso estudar e trabalhar, sem ter tempo para treinos ou viagens. Entre as quatro linhas do gramado e o apito da fábrica, a segunda opção se constituiu como uma “necessidade” (JURANDIR, 73 anos).

D. Neli é a mais jovem do grupo de narradores, possui 68 anos de idade, aposentada da indústria pesqueira. Hoje, vive bastante longe do bairro em que nasceu e conviveu por mais de 50 anos, residindo no Povo Novo, em um confortável sítio na região rural da cidade de Rio Grande.

Basta recordar de sua infância na Cidade Nova para que um sorriso, incapaz de ser apreendido pelo gravador, prenuncie a frase: “Eu brincava muito”. Das memórias da infância ela organiza as duas casas que morou no bairro: “Era nos fundos, uma casa de madeira bem



velhinha, tinha o quarto dos meus pais e nós dormia tudo no outro quarto” (NELI, 68 anos). E sobre a segunda casa aponta: “Não tinha banheiro, era nos fundos, na época era patente, iam os homens pra tina, não tinha banheiro, nós tomava banho de bacião, bacia, não tinha chuveiro, não tinha nada” (NELI, 68 anos).

Mesmo com esse cenário de poucas condições sanitárias e materiais, a vivida voz de D. Neli descortina um mundo que remete ao tempo de menina, preocupada mais com as traquinagens em “combros de areias” e o grande espaço que havia entre uma casa e outra (NELI, 68 anos). Mas, assim como outros contemporâneos de bairro, a infância e adolescência seriam encurtadas pelo trabalho diário nas fábricas.

Nesse momento, o sorriso de Neli desvanece, a testa se contrai e as memórias se organizam em torno de cada fábrica que trabalhou; é como se a vivência no bairro fosse usurpada nesse momento de sua trajetória de vida. “Comecei a trabalhar fazendo lata pra peixe. Era nas máquina, a gente botava uma folha, na boca assim, aí a gente apertava a coisa e vinha, e saía aquela lata” (NELI, 68 anos).

As expressões que D. Neli faz com as mãos são mais elucidativas do que a forma de organizar as palavras para descrever sua tarefa diária. Nessa descrição, ela é parte de uma engrenagem; fazendo parte da montagem das latas, ela permanece o dia de pé, em frente a uma máquina.

Pelo fato de “pagarem por produção, quanto mais tu fazia, mais tu ganhava. Eu trabalhava nove horas e depois eu saía das horas e ia pra produção pra ganhar mais” (NELI, 68 anos). D. Neli passou das latas para a escolha de peixes na esteira, como ela mesma diz: “o peixe ia passando e nós ia escolhendo” (NELI, 68 anos).

Esse “nós” a que ela se refere são as várias mulheres que moravam nas redondezas e no bairro Cidade Nova, as quais trabalhavam nessas mesmas jornadas de trabalho – de oito a nove horas - estabelecendo laços de companheirismo que perpassavam as paredes da fábrica e se estendiam nas horas de lazer destas trabalhadoras da indústria pesqueira. Essas mesmas mulheres da fábrica, que por “forças da necessidade” precisavam trabalhar em casa e fora, são lembradas pela fala de D. Neli naquilo que tange ao preconceito que sentiam: deixar claro que são as mulheres do peixe:

Tinha preconceito, as mulheres principalmente eram [...] era um serviço assim de mulheres que iam dormir com os homens, que tipo iam com os patrões para ganhar um serviço bom, um serviço limpo, entende, por isso tinha muito preconceito, tinha muita coisa assim. Falavam que agente andava fedendo, até no ônibus, se tu embarcasse no ônibus, mesmo tomando



banho, muita gente torcia o nariz, porque não adiantava muito tomar banho porque o cheiro ficava, se sentia o cheiro. Não era um serviço bem visto, peixe e peixeiro todo mundo dizia que não valiam nada não era [...]. (NELI, 68 anos)

Nem todo dia D. Neli ia de ônibus, muitas vezes atravessava o bairro caminhando até o trabalho. Esquadrinhando um trajeto que se prendeu na memória pela força das repetições dos passos que a levavam ao trabalho, reconhece que hoje o bairro “está muito melhor”, que muita coisa mudou e ficou para trás um tempo de muito serviço, de inúmeras horas dedicadas a “ganhar mais um pouco no final do mês” (NELI, 68 anos).

O primeiro elemento, aquele que parece unir todas as narrativas, diz respeito ao universo do trabalho, desde muito cedo presente em suas vidas. No Cidade Nova, o tempo das brincadeiras era reduzido, a vivência da infância, dos gudes, das “pandolgas” ou do subir e descer os cômodos de areia, durava pouco.

Logo que possível, por volta dos 13 anos, a necessidade de trabalhar assaltava as pequenas residências de madeira, e se antes o trabalho era realizado informalmente, ajudando os pais, agora ele ganhava contornos formais, com atividades específicas e jornadas de trabalho bem definidas pelo apito da fábrica. A partir desse momento, a construção das narrativas pessoais se organiza a partir das funções de cada um, das atividades que exerciam. E aqui, de inspiração que se faz sentir ao longo do texto, evocamos a obra de Ecléia Bosi, *Memória e Sociedade: lembrança de velhos* (1994), que realiza, através da oralidade, um procedimento metodológico de trazer à tona sensibilidades que estavam à margem de um conjunto de atores sociais paulistas, reagrupando emoção, nostalgia, remorsos e alegrias que permeiam cada uma das experiências de vida em uma São Paulo que já não existe mais no plano objetivo.

Especialmente nas últimas páginas de seu livro, após evidenciar oito “lembranças”, Ecléia Bosi apresenta um tópico, intitulado “Memória da Arte, Memória do Ofício”, e entende o tema do trabalho constituído a partir de duas instâncias: a repercussão no tempo subjetivo e sua realidade objetiva no interior da estrutura capitalista.

Especificamente sobre o primeiro ponto, ela diz: “pode-se constatar que todos se detém, e com muito gosto, na descrição do próprio ofício” (BOSI, 1994, p. 471), e complementa tal afirmação com o exemplo de uma de suas entrevistadas, a qual “vê o trabalho como uma atividade natural, como o comer e o dormir. É uma necessidade” (BOSI, 1994, p. 472).



D. Hermelinda, D. Honorina e D. Neli percorrem essas descrições do trabalho; ao retomar lembranças, são capazes de evidenciar as atividades que exerciam em cada indústria. Seja na fiação, na pintura de cobertores ou nas latas de peixe, todas remontam às funções que atuam na construção do tempo subjetivo de cada uma delas. E ao falar desse tempo, a segunda característica apontada por Bosi vem à tona, pois não há tristezas, arrependimentos, mas sim a representação de uma atividade que foi naturalizada, inscrita no subjetivo de cada sujeito ao ponto de não perceber que até a “manteiguinha” do pão, e a corrida rápida até a padaria, já eram atividades reguladas pela jornada de trabalho.

No *gap* temporal que existe entre o momento da narrativa e a experiência objetiva, as forças das múltiplas vivências que atravessaram os sujeitos se fortalecem e reorientam o próprio passado. Agora renovado pelo fato de serem sujeitos aposentados, e assim distantes do mundo do trabalho, a alteridade entre o ontem e o hoje se evidencia em passagens como “agora é melhor” ou então “eu passei muito trabalho na minha vida”.

Porém, quando o passado era vivenciado como presente, onde os atores sociais apenas projetavam um futuro, essa relação de “melhor” ou “pior” era, de certa forma, inexistente. Havia o cotidiano ordinário e, nele, mesmo as experiências como morar em pequenas casas de madeira, com muitos e apertados cômodos, ou então precisar diariamente retirar água da cacimba, tomar banho em tinas e aguardar o cabungueiro eram encaradas como comuns, presente no pulsar do bairro Cidade Nova. A constituição de um cotidiano próprio do bairro passava diretamente por essas atividades, essas rotinas tanto de ordem pessoal como coletiva.

Interessante perceber que, mesmo com o passar dos anos, e algumas considerações negativas sobre esse passado do/no bairro, muitas vezes os narradores rememoram esse tempo com nostalgia, com um brilho no olhar que nenhum gravador é capaz de apreender, sendo somente àquele que vê e ouve o espectador dessa forma de arranjar o mundo. Um exemplo disso são os banhos de tina, com bacias, que tanto são apresentados por Honorina como por Jurandir, e claro, os cômodos de areia que perpassavam a paisagem diária de todos os narradores.

A chegada do asfalto, a necessidade de criar roteiro para os bondes, é presente na fala de Jurandir, sendo esse um momento crucial de transformações do bairro, quando os referências de toda uma geração são apagados em prol da modernidade urbana.

A Cidade Nova contada por esses quatro sujeitos não existe mais, sobrevive em suas memórias, porém nem por isso ela deixa de pulsar, de evidenciar vida quando as sensibilidades de cada um são projetadas em suas falas. Assim, conscientes ou não, eles



retomam um cotidiano e, nessa composição durável no tempo, elementos vêm à tona e reconstituem um passado que permanece na ordem do subjetivo de uma rítmica que remonta aos tempos das “pandolgas com gilete”.

Considerações finais

O ato de transcrever, de migrar a linguagem do sensível/memória para o campo do escrito é uma tarefa que pode tirar até o próprio encanto da rememoração. O gravador que intimida, a lembrança que precisa ser organizada em uma narrativa e os elementos da própria organização metodológica posterior jogam uma cortina de fumaça naquele ponto em que as sensibilidades organizam uma vida entremeada à do bairro.

Soma-se a essa dificuldade um precioso apontamento de Ecléia Bosi de que, para esses “velhos”, o que está em jogo é uma ocupação consciente do próprio passado, a substância mesma da vida, e não de nenhum descanso/lazer no ato de lembrar (BOSI, 1994, p. 60). E, ao levar essas palavras em consideração, percebemos que o exercício de transportar memórias em um todo coerente, capaz de dar sentido a uma vida e um bairro, é ainda mais delicado. Estamos diante, sempre, de sujeitos que, no seu íntimo, já compreendem que uma de suas funções, agora, é de ser justamente esse portador da memória, e que essa representação é mesmo o seu papel na sociedade – aquele que lembra.

Assim, o que tentamos elaborar a partir de um mosaico de lembranças é uma ponte entre o tempo vivido e o tempo narrado. E nesse exercício, recuperar sensibilidades, tentando explicar como poderia ter sido a experiência do sensível de um outro tempo pelos rastros que deixou (PESAVENTO, 2007), foi nossa proposta ao longo do texto – respeitando os narradores, tentando ser o mais fidedigno possível à palavra, às expressões, às posturas e, fundamentalmente, ao sentimentos de cada um deles.

Hermelinda, Honorina, Jurandir e Neli vivenciaram e recriaram o seu Cidade Nova. E assim, acompanhamos um bairro em cujo pulsar não estão presentes apenas grafias urbanas propostas pela municipalidade, mas também o pulsar das vidas que escolhem trajetos, evidenciam práticas e dotam de sentimentos a vivência nessa localidade, que fica a poucos metros do centro urbano, mas ao mesmo tempo parece uma outra cidade. Não por acaso uma Cidade Nova.



Narradores

Hermelinda Carvalho da Silva, 80 anos, em sua casa. Rio Grande, Janeiro de 2011

Honorina Brito, 80 anos, em sua casa. Rio Grande, Janeiro de 2011

Jurandir Pedroso, 73 anos, em sua casa. Rio Grande, Janeiro de 2011.

Neli Marques, 68 anos, em sua casa. Rio Grande, Fevereiro de 2011.

Fontes documentais

Relatório da Câmara Municipal da cidade do Rio Grande. Apresentado pelo seu presidente Tenente Coronel Antônio Chaves Campello, 1880.

Relatório da Câmara Municipal da cidade do Rio Grande. Apresentado à Assembléia Legislativa Provincial, 1889.

Planta da Cidade de Rio Grande, 1871.

Referências bibliográficas

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARDOSO, Gilberto Marco. Cidade Nova. **Jornal Agora**. Rio Grande, 12 abril 2011, p.8.

MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande**: Industrialização e urbanidade (1873-1990). Rio Grande: Editora da Furg, 2006.

PEDROSO, Ticiano Duarte. **Saneamento e Progresso**. O projeto de saneamento na cidade de Rio Grande do plano à implantação (1909-1923). Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Rio Grande, Instituto de Ciências Humanas e da Informação. 2008.

_____. **Cidade Nova**: Narrativas do cotidiano no subúrbio operário 1950. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas, 2012.

PESAVENTO, Sandra. **Os pobres da cidade**: vida e trabalho – 1880-1920. 2ª edição. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

_____. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Nuevos**, Coloquios, 2005. Disponível em <<http://nuevomundo.revues.org/229>>. Acesso em 03 mai. 2013.

_____. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 27, nº 53, jan.-jun, 2007, p. 11-23.

_____. **História e História Cultural**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PORTELLI, Alessandro. O Que Faz A História Oral Diferente. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História**. São Paulo, n.º 14, 1997, 25-39.

SANTOS, Leonardo Soares. A constituição do Subúrbio na cidade do Rio de Janeiro na virada do século XIX: Um passeio pela literatura. 2011. **Chão Urbano**. Rio de Janeiro. Ano XI, n. 4, julho/agosto 2011, pp. 41-58. Disponível em: <<http://www.chaourbano.com.br/adm/revistas/arquivos/revista74.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2013.



SCHIMIDT, Benito Bisso. A diretora dos espíritos da classe: a “Sociedade União Operária de Rio Grande”(1893-1911).**Cadernos AEL**. Campinas, v 6, n. 10/11, 1999, p. 147-170.

THOMPSON, E.P. **A Voz do Passado** – História Oral. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

*Recebido em Julho de 2013.
Aprovado em Agosto de 2013.*